

Senhor Presidente

Senhoras e Senhores Deputados

Senhor Presidente

Senhora e Senhores Membros do Governo

Onze anos depois do início da governação socialista nos Açores e com três dias de debate relativamente ao último Plano e Orçamento da VIII legislatura, ficou claro nesta Assembleia o retrato da Região deste tempo, das nove ilhas dos Açores, do estado em que se encontra cada uma delas.

De forma clara e impressionante, foram aqui descritas situações reais e problemas concretos dos açorianos, ao mesmo tempo que foram expressos objectivos e assumidas vontades na esperança de melhores dias.

Sobretudo, ficou clara a falta de resultados desta governação.

Ficou claro que os Açores não cresceram como era exigível e natural.

Ficou claro que a repetição dos protagonistas é irmã gémea da repetição das táticas, da propaganda, dos anúncios, dos mesmos anúncios, ano após ano.

Sempre os maiores Planos de sempre, sempre os milhões e mais milhões como se isso servisse para mais alguma coisa do que para animar a consideração que o Governo tem de si próprio.

De facto, parece que este Governo acha que o mais importante, o que apenas interessa, é sentir que está cheio de dinheiro para gastar, esquecendo-se da forma como esses milhões não se repercutem no desenvolvimento das nove ilhas dos Açores, nos nossos concelhos, nas nossas freguesias, nas famílias, nas empresas, enfim, do modo como o dinheiro do Governo não chega às pessoas.

E para o PSD, o princípio e fim da nossa acção são as Pessoas.

O dinheiro, as obras, em suma, as políticas e as suas decisões e decisores, são apenas meios para promover o

Bem Comum e a dignificação do Homem, nas suas concretas circunstâncias.

É este o nosso património de valores, é este o nosso caminho, é isto que, mais uma vez, manifestamos com este debate.

Pelo contrário, o PS e o Governo Regional ocuparam grande parte do seu tempo a atacar o PSD. Assim, começaram institucionalmente este debate e, assim, preencheram as suas intervenções.

Desde o Presidente do Governo, aos sucessivos Secretários Regionais e aos seus Deputados, o factor comum das motivações socialistas foi o ataque desenfreado ao PSD.

Porque terá isso acontecido?

É esta mais uma das diferenças que nos distingue: o PSD preocupa-se com as Pessoas e os seus problemas e ocupa-se a apresentar a alternativa para esta governação; o

PS preocupa-se com o PSD e ocupa-se a atribuir-nos as culpas que, no fundo, sabe que tem, mas não quer assumir.

As culpas pelo facto de sermos a Região da Europa que, nos últimos sete anos, mais dinheiro recebeu da União Europeia - mais de mil e duzentos milhões de euros – o triplo da média das outras Regiões ultraperiféricas>, e, mesmo assim, nos termos afastado da média europeia do PIB *per capita*.

De 2000 a 2006, os Açores receberam da União Europeia mais de mil e duzentos milhões de euros, o que equivale a cerca de 175 milhões de euros por ano e cerca de 480 mil euros por dia. Isto é, os Açores receberam, todos os dias do ano, da União Europeia quase cem mil contos por dia.

Os Açores receberam o triplo da média das regiões mais pobres da União Europeia.

Ainda assim, não crescemos e nem sequer as promessas socialistas foram cumpridas.

Mas parece que está tudo bem!

Querem-nos fazer crer que está tudo bem.

Para o PS e para o Governo, se calhar até está.

Para os açorianos é que não está tudo bem!

Os números dos resultados dizem que o PIB *per capita* que, para o Presidente do Governo não interessa nada e para o Vice-Presidente interessa tudo, representava, em 2002, 71.3% da média da União Europeia, em 2003 baixou para 66.9% e em 2004 voltou a baixar para 65.9%.

Quando o mesmo Presidente do Governo, aquando da apresentação do Programa de Governo, identificava como objectivo a “*convergência real dos Açores com os índices nacionais e comunitários de produção e rendimento*” (...) “*prosseguimento do processo de convergência da economia da Região com as economias nacional e europeia*”.

Reconhecendo o fracasso, vêm agora falar na convergência com as médias nacionais, quando estas estão a descer.

Pelo que é revelador da falta de argumentos e de alguma leviandade, anunciar alegremente que estamos a convergir com aqueles que estão a descer.

No fundo, os Açores sofrem daquele mal da criança com um pai com muito dinheiro que o enfarta com chocolates e guloseimas esquecendo-se da saúde e educação do filho que acaba por engordar e não crescer, em termos físicos e cívicos.

Falhou, assim, o Governo nas promessas de crescimento, de produtividade e rendimento, como falhou nas promessas relativas ao emprego.

Ainda no âmbito da apresentação do Programa de Governo, o Presidente do Governo afirmava querer, *“através do fomento da empregabilidade, atingir antes do termo fixado, a taxa de emprego de 70%”*.

Ora, a taxa de emprego no 3º trimestre de 2007 é de 54,8%, menos 15,2% do que o prometido.

Em 2004, o Governo tinha prometido 120.000 activos nos Açores. Porém, temos apenas 111.324 açorianos no mercado de trabalho.

Em 2004, o Presidente do Governo prometia a entrada anual de 2.853 açorianos nos activos da Região. Durante, três anos, entraram somente 2.714. Isto é, em três anos entraram menos açorianos no mercado de trabalho do que aquilo que o Governo Regional prometeu apenas para um.

Também aqui o Governo falhou.

A taxa de inflação dos Açores é a mais alta do país, vem crescendo nos últimos anos, de 2004 a Outubro de 2007, cresceu quase um ponto percentual, de 2,7% para 3,6%, enquanto no país se manteve nos 2,4%.

Nos Açores pagamos menos IVA, exactamente para atenuar os custos da distância e da dispersão, mas os preços que os Açorianos pagam são mais altos.

Os açorianos ganham menos e pagam mais para viverem do que os seus concidadãos do País e da União Europeia que têm uma taxa de inflação média de 1,8%.

Isto é confirmado, infelizmente e do mesmo modo, pelo índice do poder de compra que nos Açores representa 81,6% da média nacional, o mais baixo do país.

Também aqui o Governo falhou.

Com tanto dinheiro nos Açores, como é que o Governo explica que os açorianos vivam cada vez com mais dificuldades?

Com tanto dinheiro à disposição do Governo, como é que o Governo explica que os açorianos tenham cada vez menos dinheiro para as suas vidas?

Como é que explica que com tantos meios financeiros e técnicos, tenha, por exemplo aumentado o número de beneficiários do Rendimento Social de Inserção.



Isto é, com este Governo socialista dá-se este absurdo mistério de que quanto mais dinheiro, mais pobres.

Com efeito, para além de sermos a Região do país com maior taxa de beneficiários do Rendimento Social de Inserção, entre Março de 2005 e Junho de 2007, o respectivo número passou de 15.964 para 17.696, um aumento de 10,8%.

Tal aumento é preocupante e injustificado, face aos recursos disponíveis e perante as promessas do Presidente do Governo que, no mesmo debate do Programa de Governo, garantia o *“fortalecimento da autonomia dos projectos de vida e das responsabilidades individuais e a eliminação de situações crónicas de dependência que sejam injustificadas”*.

Também aqui falhou o Governo.

Ao nível de um sector com a importância estratégica para os Açores como o dos transportes aéreos, o Presidente do Governo em Julho de 2004, prometia um *“novo modelo a*

*aplicar a partir de Janeiro de 2005, vai possibilitar que várias transportadoras aéreas possam voar para os Açores num clima concorrencial, ainda que condicionado por obrigações de serviço público”. No que era seguido pelo Secretário Regional da tutela que afirmava: “o modelo de liberalização controlada a vigorar a partir de Janeiro de 2005, trará evidentes vantagens para os residentes da Região”.*

Passado todo este tempo, os açorianos pagam cada vez mais para viajar, e são prejudicados pela protecção que o Governo dá às companhias aéreas no monopólio combinado entre SATA e TAP.

Também aqui o Governo falhou.

Sobre o falhanço nos transportes marítimos de passageiros e viaturas inter-ilhas, até o Governo já tem vergonha de falar.

Onze anos depois, com cerca de 40 milhões de euros, se não mais, já gastos e após promessas e compromissos sempre adiados, ainda não há navios novos, e todos os

anos os açorianos assistiram à confusão do arranque, navegação e paragem dos barcos.

Também aqui o Governo falhou.

Um dos maiores problemas da Região é a desertificação da maioria das ilhas dos Açores e os desequilíbrios sociais e económicos entre elas.

Reconhecendo que, em oito anos, nada fez para combater esta enorme dificuldade, em 2004 em vésperas de eleições, o Governo criou o conceito de “Ilhas de Coesão”.

Muitos foram os discursos e promessas a afiançar que era chegada a hora das ilhas mais pequenas.

Desde 2005, o Governo orçamentou, para uma proclamada, mas não praticada coesão, cerca de cinquenta e seis milhões de euros. A taxa de execução dos primeiros dois anos é de cerca de 17%. É verdade, 17% de execução.

O que é inconcebível e injustificável para um programa com estes objectivos e importância.

A maioria das ilhas continua a perder população, morrem mais do que aqueles que nascem, não há dinâmicas sociais e económicas.

Também aqui o Governo falhou.

Mas se estes números, contradições e falhanços incomodam o PS e o Governo, vamos falar daquilo que é o mais importante: as Pessoas.

Se o facto de serem confrontados com o incumprimento das vossas promessas e com o falhanço desta governação vos transtorna, vamos então falar do mais importante: os açorianos.

Vou, por isso, trazer à casa mãe da Autonomia, à casa de todos os açorianos, exemplos reais da vida das pessoas.

Trago aqui, casos de açorianas e açorianos que nos contactam a manifestar as suas dificuldades e desesperos, daqueles açorianos que não sentem na sua vida, nem

percebem os milhões que o Governo tanto apregoa, porque não têm a vida fácil da propaganda socialista.

Um açoriano inscreveu-se, no ano 2000, para uma cirurgia, passados 6 (seis) anos foi chamado para a denominada consulta de anestesia, fez os respectivos exames e, porque passou mais um ano sem notícia, dirigiu-se ao Hospital respectivo para saber o que se passava. Dois meses depois foi chamado para fazer a intervenção, fez a mala, apresentou-se no Hospital e ... mandaram-no para casa, porque havia urgências e não era possível fazer a intervenção cirúrgica. Ainda hoje está à espera...

Como ele, há milhares de açorianos em listas de espera, anos e anos, por consultas e cirurgia.

Só no Hospital do Divino Espírito Santo, em Ponta Delgada, há 5.400 doentes à espera duma cirurgia, há mais de dois anos. Alguns deles esperam há seis anos.

Na Saúde, os Governos do PS gastaram, nestes onze anos, mais de 2.000 milhões de euros. Todos os meses se gastaram 16,5 milhões de euros.

Porém, nem assim foi possível garantir o acesso de todos os Açorianos a um simples médico de família.

São, ainda hoje, 80.000 os açorianos sem médico de família.

Uma jovem açoriana, saiu da sua terra para tirar o curso de professora do 1º ciclo, terminou-o há dois anos. Tem um filho, não consegue emprego na sua área, tem concorrido para aquilo que aparece, a última vez para caixa de uma loja comercial. Não ficou com o emprego, tinham concorrido mais trinta pessoas. Uma dúzia era composta por licenciados.

Os seus colegas que trabalham na área da educação, têm emprego mas estão desmotivados, sentem a sua carreira desprestigiada e alvo de ataques e desconfianças.

Um açoriano licenciado está, há 10 anos, a trabalhar num departamento governamental, sem nunca entrar para o quadro. Esteve 7 anos a recibo e está há 3 contratado a termo. Quando entrar para a função pública se entrar, vai

para o início da carreira, como se os 10 anos que trabalhou para a Região não servissem de nada.

Um jovem açoriano é enfermeiro, tirou o curso também porque lhe diziam que era emprego garantido. Afinal, não foi: anda à procura, a última vez para auxiliar de uma instituição particular de solidariedade social.

Outro colega dele de liceu licenciou-se em medicina, sempre pensou vir para a sua terra, dada a falta de médicos. No entanto, não havia vaga para aceder ao internato médico da especialidade pelos hospitais dos Açores.

Um outro açoriano fez uma sociedade comercial com outros dois colegas que exploravam um estabelecimento comercial, na baixa de uma das cidades dos Açores. Nos últimos anos o negócio está mau. Teve mesmo de entrar com dinheiro seu e de familiares para ir mantendo a porta aberta. Nos últimos dez meses, os sócios nem receberam o seu ordenado. Quer vender a sua quota mas não há quem a compre.

Como ele, há muitos comerciantes que vêm os lucros baixar de ano para ano e que sentem cada vez mais dificuldades para não encerrar a actividade.

Um outro açoriano tem uma exploração agrícola média. O aumento dos custos de produção e os encargos que foi assumindo não foram sendo atenuados pelas receitas e subsídios que foi recebendo. Vai para a América uns tempos para endireitar a vida.

Como ele, só no último mês tivemos conhecimento directo de mais dois empresários agrícolas que se desfizeram das suas explorações. Um deles jovem.

Como eles, muitos deixaram a actividade, certamente, por não ser rentável e atractiva. Em 1999 eram 18.700 os produtores agrícolas nos Açores. Em 2005 eram 15.100, uma descida de 21%.

O mesmo se diga num sector com a relevância social e económica para os Açores como é o das Pescas, sobretudo com o potencial que tem numa Região insular como a nossa.



Também porque não foram criadas condições necessárias para a promoção e sustentabilidade do sector, o número de pescadores matriculados nos Açores em 1995 era de 4420, em 2005 desceu para 2105, menos de metade.

Outro açoriano é empregado num estabelecimento comercial, mas recorreu ao crédito para habitação. Não conseguiu fazer face aos compromissos bancários e tem 1/3 do vencimento penhorado. Já não leva para casa os 520 euros que levava para as suas necessidades básicas e dos seus. Vive com necessidades.

Para o Governo e para o PS, trazemos nuvens negras. Podem dizer que é triste trazermos estes casos ao Parlamento dos Açores. Pode ser doloroso.

Mas mais triste e doloroso é para tantos e tantos açorianos que nas suas vidas não sentem a propaganda cor-de-rosa dos milhões com que o Governo se alegra e contenta.

É óbvio que há casos de sucesso nas vidas dos açorianos e das empresas.

É obvio que há quem viva bem, quem se sente realizado, com a qualidade de vida que deseja.

Mas, não pode permitir-se que surjam situações como as descritas que, por não serem exemplos isolados, mas casos cada vez mais crescentes entre muitas e muitas outras situações lamentáveis, merecem a denúncia e, sobretudo, exigem a mudança de políticas que façam com que os açorianos vivam bem na sua terra.

E se não é pelas Pessoas e pelas suas vidas, porque é que estamos aqui?

O PSD assumindo o seu património humanista, não transige nem se desvia do seu propósito na defesa da dignidade da pessoa.

O PS porque, no fundo, sabe que os açorianos não vivem tão bem como é apregoado, porque, no fundo,

reconhece os seus fracassos, apressa-se agora, em ano de eleições, a dizer que agora é que é!

Agora é que se vão resolver os problemas da saúde, da educação, do emprego, da produtividade, da coesão económica, social e territorial, dos idosos, das famílias e das empresas.

Então e até agora, nestes doze anos, o que é que foi feito para resolver estes problemas?

O PSD, apesar de ser oposição é agora, mais do que nunca, alternativa e tem-no afirmado.

Por muita força que faça o Presidente do Governo e seus seguidores para fazer crer que o PSD não apresenta propostas, mais uma vez a força da propaganda não disfarça a fraqueza dos argumentos.

A verdade é que o PSD, só nesta legislatura, já apresentou 51 projectos de resolução e decretos legislativos regionais, nas mais diversas áreas de actividade, em grande parte reprovados pela arrogância da maioria socialista, para

além de um conjunto amplo de propostas com vista à melhoria da vida dos açorianos.

Para além destes projectos, só no âmbito das discussões de Planos e Orçamentos, nesta legislatura, o PSD já apresentou 37 propostas directamente dirigidas à vida das pessoas e ao desenvolvimento dos Açores.

No acesso aos cuidados de saúde, na prevenção e tratamento das dependências, no abaixamento das tarifas aéreas, na promoção das energias renováveis, na modernização agrícola, entre outras, sempre o PSD apresentou propostas concretas e fundamentadas. Todas elas, sem excepção, chumbadas pelo PS.

Diz agora o Governo que o PSD não quis negociar com o Governo estas propostas e, por isso, são chumbadas.

Aqui está, mais uma vez, a prova da forma deturpada como este Governo encara a Democracia.

Desde logo, porque quem aprova os documentos em causa é o Parlamento e não o Governo, que se limita a apresentá-los.

Por outro lado, a liberdade de apresentação de propostas e a transparência necessária ao debate parlamentar não podem ceder a negociatas e vontades totalitárias do Governo que se quer mandar em tudo e todos ainda não manda no Parlamento e muito menos no PSD.

Houvesse boa-fé e boa vontade do Presidente do PS e faria com que os seus Deputados manifestassem disponibilidade de votar a favor de alguma das nossas propostas.

Mas não, a atitude é sempre a mesma. A arrogância totalitária da reprovação daquilo que não é seu ou que não teve a sua bênção.

O PSD, pelo seu lado, vota contra este Plano e Orçamento, porque este não é o nosso modelo de sociedade. Quando o PSD for Governo pela vontade dos açorianos, não fará um Plano com esta perspectiva de

intervenção pública, para mais, com os resultados que acabamos de demonstrar.

No entanto, damos o contributo positivo para que nestes documentos sejam integradas alterações que dizem respeito à nossa prioridade que é a vida dos açorianos.

Assim, apresentamos uma proposta para reforçar as transferências para o Serviço Regional de Saúde no combate às vergonhosas listas de espera e no aumento dos reembolsos da saúde.

Não é admissível que os açorianos sejam remetidos para as consultas privadas, paguem 70 ou 80 euros e tenham de reembolso 1,75€. Isto tem de acabar.

Quanto às listas de espera, há um ano o PSD apresentou proposta idêntica que mereceu o voto contra do PS, tendo o Presidente do Governo afirmado que o que proponhamos era ***“bem, rejeitado, tal a demagogia, a insensatez e a irresponsabilidade evidenciadas.”***

Porém, passado quase um ano, mais um ano com tantos e tantos açorianos na espera desesperada das listas de espera de consultas e cirurgias dos Hospitais dos Açores, o Presidente do Governo vai ao Hospital de Ponta Delgada exactamente anunciar a proposta que alguns meses antes o PS havia chumbado por demagógica, insensata e irresponsável.

Também apresentamos uma proposta no sentido de baixar em 20%, todo o ano e para todos os açorianos, as passagens aéreas inter-ilhas.

Não são admissíveis os preços actuais, como não são relativamente às ligações com o exterior que também já mereceram uma proposta do PSD de abaixamento em 25%.

Do mesmo modo, apresentamos propostas com vista ao estabelecimento de parcerias com as IPSS para a construção de creches e lares de idosos, para além de continuarmos a dar prioridade ao combate a um dos maiores flagelos da nossa sociedade que são as dependências do álcool e das drogas.

É assim, no conhecimento da realidade açoriana, daquilo que sentem as pessoas, que assentamos a nossa actividade política, propondo políticas que verdadeiramente resolvam os seus problemas.

Acreditamos que é possível ser diferente, fazer a ruptura, acreditar e promover as pessoas

Propomos, por isso, fazer com que os açorianos se realizem nas suas vidas, na sua qualificação e emprego, que as famílias açorianas tenham melhores meios para fazer face às suas necessidades, que as empresas tenham resultados positivos na sua actividade, que as várias ilhas tenham vida.

Temos esta postura porque acreditamos na Democracia, mas, sobretudo, porque acreditamos na força da nossa terra e do nosso mar, e confiamos muito na vontade dos açorianos.

Sempre ultrapassamos dificuldades e limites que nos foram sendo impostos pelo Homem e pela Natureza, sempre vislumbramos o porto para além do horizonte,



sempre levantamos casas que a terra derrubou, sempre a Esperança foi a mãe da confiança que os açorianos depositam no seu Futuro.

Por tudo isto, acreditamos que é tempo de mudar e queremos dar força à Esperança dos açorianos para o dia novo que está nas suas mãos.

É este, mais uma vez e sempre, o nosso compromisso.  
Pelos Açores e pelos açorianos.

Disse.

Horta, Sala das Sessões, 29 de Novembro de 2007